



INOVAÇÃO SOCIAL: UMA GÊNESE A PARTIR DA VISÃO SISTÊMICA E TEORIA DA AÇÃO COMUNICATIVA DE HABERMAS

Michele Andréia Borges

UFSC/DEGC

Florianópolis, SC, Brasil

micheleandborges@gmail.com

Ana Santos Delgado

UFSC/DEGC

Florianópolis, SC, Brasil

UTPL

Loja, Ecuador

anasantos944@gmail.com

Luciano Antonio Costa

UFSC/DEGC

Florianópolis, SC, Brasil

lacosta@egc.ufsc.br

Ranieri Roberth Silva de Aguiar

UFSC/DEGC

Florianópolis, SC, Brasil

ranieriaguiar@yahoo.com.br

Gertrudes Aparecida Dandolini

UFSC/DEGC

Florianópolis, SC, Brasil

gtude@egc.ufsc.br

João Artur Souza

UFSC/DEGC

Florianópolis, SC, Brasil

jartur@egc.ufsc.br

RESUMO

As inovações sociais tem ganhado notoriedade nas últimas duas décadas. Este fenômeno está atraindo o interesse de pesquisadores, profissionais e formuladores de políticas em todo o mundo. Conceitualmente, há uma abundância de definições de inovação social, mas falta uma definição precisa e amplamente aceita de modo que possa auxiliar a análise e avaliação de projetos de inovação social. Nesse sentido, o objetivo deste trabalho é propor uma definição que permita criar subsídios para analisar e avaliar projetos de inovação social. Para tanto, analisou-se as definições encontradas na literatura e suas relações com conhecimento, ação comunicativa de Habermas e visão sistêmica. A definição proposta possibilita a identificação mais precisa de propostas de inovação social, ou seja, ações teleológicas.

PALAVRAS CHAVES: Inovação Social; Conhecimento; Ação Comunicativa de Habermas; Visão Sistêmica.

ABSTRACT

Social innovation has gained notoriety over the past two decades. This phenomenon is attracting the interest of researchers, practitioners and policy makers around the world. Conceptually,

there are plenty of social definitions of innovation, however, there is still the lack of a precise and widely accepted so that it can assist the analysis and evaluation of social innovation projects. Thus, the objective of this work is to propose a definition to create subsidies for analyzing and evaluating social innovation projects. Therefore, a review was conducted of the definitions found in the literature and its relationship to knowledge, Habermas's theory of communicative action and systemic vision. The proposed definition allows for more accurate identification of social innovation proposals, in other words, teleological actions.

KEYWORDS: Social Innovation; Knowledge; Communicative action Habermas; Systemic View.

INTRODUÇÃO

O termo inovação social tem ganhado notoriedade nas últimas duas décadas. Este fenômeno está atraindo o interesse de pesquisadores, profissionais e formuladores de políticas em todo o mundo [1]. Esta popularidade é recorrente aos grandes desafios atuais, como as alterações climáticas, a epidemia mundial de doenças crônicas e as desigualdades sociais; cuja estrutura e política vigente não têm suportado tais questões prementes [2,3]. O crescimento sustentável, a garantia de emprego, o aumento

da capacidade competitiva [4], o crescente número de organizações sem fins lucrativos que desenvolvem atividades econômicas para apoiar a sua missão social, o surgimento de uma variedade de mercado e projetos empresariais de base não mercantis que visam à resolução de problemas sociais e as oportunidades de crescimento para a inovação e experimentação derivados do atual ambiente de recessão global [5], são fatores essenciais que explicam a importância da inovação social na sociedade atual [6].

Apesar de sua evidente relevância e do fomento de ações na prática, há uma necessidade no avanço tanto de uma compressão maior de sua definição, surgimento e difusão, quanto da criação e uso de métodos e ferramentas para o processo de inovação social [3-7-8-9-10].

A inovação social tem sido definida de várias maneiras e ainda não há um consenso na literatura [6-8-9]. A falta de uma definição precisa e amplamente aceita causa incertezas sobre o que de fato são elas, como elas passam a existir e o que se pode esperar delas. Há com isso uma dificuldade na criação de indicadores e na avaliação de projetos em inovação social [7].

Alguns pesquisadores têm medido esforços na compreensão e integração dessa gama de definições. No entanto, ainda há espaços que devem ser preenchidos quanto aos construtos que a definem e quanto as suas raízes teóricas.

Nesse sentido, o objetivo do artigo é propor uma definição que permita criar subsídios para analisar e avaliar projetos de inovação social. Para alcançar esse objetivo foram desenhados: (i) uma análise das definições de inovação social encontradas na literatura; e (ii) uma análise teórica que relaciona conhecimento, ação comunicativa de Habermas e visão sistêmica para a inovação social.

Esse artigo é composto desta introdução – que apresentou a lacuna e o objetivo da pesquisa; do procedimento metodológico; dos pressupostos teóricos; da proposição da definição; e, por fim, das considerações finais.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta pesquisa caracteriza-se quanto a sua natureza como básica, isto é, “objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência em aplicação prevista” [11].

Quanto aos procedimentos técnicos, esta pesquisa é de caráter bibliográfico que “consiste na obtenção de dados através de fontes secundárias” [11]. Assim, para alcançar o objetivo proposto nesse estudo foi realizado, em primeiro lugar, uma busca na literatura por trabalhos que já haviam analisado as definições de inovação social. Nessa etapa foram encontrados os trabalhos de [1-6-7-8-9-12]. Em um segundo momento foi feita uma análise desses trabalhos quanto as suas contribuições para o avanço no entendimento das definições de inovação social, bem como a identificação das lacunas ainda existentes. Desta análise, o trabalho de Anderson, Curtis e Wittig [7] destacou-se por trazer uma contribuição relevante no que se refere as dimensões e tipologias das definições de inovação social. Assim, inspirados no trabalho desses autores, foi possível chegar há algumas convergências e posicionamentos quanto a tipologia de definição aqui proposta, a seguir expostas.

Aliado a revisão bibliográfica, tomaram-se as perspectivas teóricas de Habermas e a visão sistêmica para a proposição da definição de inovação social, pois ambas ajudam a compreender um fenômeno de forma interdisciplinar e dentro de um contexto em que conhecer as partes e suas relações, e o todo, são igualmente importantes.

O conhecimento, principalmente o conhecimento produzido coletivamente, também foi considerado para a elaboração da definição, uma vez que o conhecimento, na sociedade atual, é fator primário para o desenvolvimento de inovações, sejam elas tecnológicas, de mercado ou sociais.

REFERENCIAL TEÓRICO

Definições de Inovação Social

Uma das primeiras definições de inovação social foi proposta por George W. Fairweather, em 1967, em um Book Review intitulado “*Methods*

for experimental Social Innovation" [12]. Desde então, e principalmente a partir dos anos 2000, tem se proliferado ideias e definições do que vem a ser a inovação social.

Uma das principais definições referenciadas na literatura é de Murray, Caulier-Grice e Mulgan:

Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir. [3]

Esta definição tem o foco em criar novas relações sociais com a finalidade de aumentar a capacidade de agir das pessoas, tendo como característica principal a construção de novas colaborações para satisfazer as necessidades sociais.

Outra definição bastante utilizada é proposta por Howaldt e Schwarz:

Inovação social é uma nova combinação e/ou uma nova configuração de práticas sociais em determinadas áreas de ação ou contextos sociais provocadas por determinados atores ou constelações de atores de forma intencional direcionadas com o objetivo de melhor satisfazer ou atender necessidades e problemas com o que é possível com base em práticas estabelecidas. [4]

A característica dessa definição são as práticas sociais, em contextos diversos de ação, criadas com o objetivo de melhorar o atendimento de necessidades ou problemas identificados.

Além dessas, outras definições de inovação social são encontradas na literatura e são apresentadas no Anexo A. Porém, como pode ser observado nas definições encontradas, a inovação social tem sido definida de várias maneiras e não há um consenso na literatura quanto ao seu conceito [6-8-9]. Há muitos termos dentro da própria definição (como, por exemplo: melhorar a qualidade de vida; mudança social) que também carecem de uma investigação mais aprofundada de modo a clarificar o significado de inovação social. Felizmente, alguns pesquisadores (como [1-6-7-8-9-12]) têm buscado em suas pesquisas a compreensão e integração dessa gama de definições.

A compilação e análise de alguns conceitos de inovação social é apresentada por [8] com a seguinte proposta de definição:

O resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral. [8]

Entretanto, essa definição tem como foco o resultado, já mais tarde, Horta [12], em sua tese de doutorado orientada por Bignetti, ampliou a análise das definições de inovação social por meio de uma apreciação quanto a seu objetivo, a sua consequência, a sua forma e seus atores sociais. Com isso, propôs a seguinte definição integradora:

"Um processo colaborativo que visa a gerar soluções duradouras que atendam às necessidades sociais de grupos, de comunidades e da sociedade em geral" [12].

Edwards-Schachter, Matti e Alcántara [1] não propuseram uma definição própria, mas realizaram uma ampla análise de 76 definições. A análise dos autores se baseou em 11 dimensões (objetivo, finalidade, direcionamento, fonte, contexto, agente, setores, processos, resultados, governança e empoderamento e desenvolvimento de capacidade) e resultou em 28 características de definições de inovação social, das quais algumas delas são: geração de valores sociais, melhoria da qualidade de vida e desenvolvimento sustentável; inovação social orientada para a resolução de problemas sociais e destinadas a ambos os setores sem fins lucrativos e com fins lucrativos; direcionada à desafios sociais, econômico e ambientais nos níveis global e local; interação entre os atores da sociedade civil, estado e agentes de negócios; empoderamento de grupos sociais desfavorecidos; participação e colaboração das pessoas na tomada de decisões; desenvolvimento de novas formas de organização e relações sociais; e melhorias para o bem-estar, sustentabilidade, inclusão social, e qualidade de vida.

O trabalho de Cunha e Benneworth [6] analisou 12 definições e identificou dois grupos diferentes de características: aqueles

preocupados com a justiça social; e aqueles preocupados com práticas de inovação social. A partir disso, evidenciaram a necessidade de uma definição singular, com um escopo claramente delineado e conceitualmente claro, que engloba a ideia de novidade e mudança para um propósito socialmente progressivo e com o mais rigoroso tratamento de justiça social. Assim, para os autores a inovação social é:

um sistema de mudança através do desenvolvimento de novas soluções na fronteira abrangendo comunidades de aprendizagem para criar valor social e promover o desenvolvimento da comunidade, desafiando as instituições sociais existentes, através de ação colaborativa desenvolvendo redes mais amplas. [6]

Cajaiba-Santana [9] amplia a compreensão conceitual do fenômeno de inovação social. Afirma que as pesquisas na área tem se limitado a conceituar a inovação social por meio de abordagens teórica centrada no agente (uma abordagem individualista e comportamentalista em que a inovação social é criada através das ações empreendidas por indivíduos específicos) e centrada na estrutura (em que a inovação social é percebida como determinado pelo contexto estrutural externo). Diante deste fato, desenvolve um conceito baseado na mudança social e na integração das teorias institucional¹ e de estruturação²:

As inovações sociais estão associadas com a intenção planejada, coordenada, objetivo orientado, e as ações empreendidas, legitimados pelos agentes sociais que visam a mudança social que vão surgir no estabelecimento de novas práticas sociais. [9]

Por fim, uma análise em profundidade sobre as definições de inovação social foram desenvolvidas por um grupo de acadêmicos do Programa de Pós-Graduação em Inovação Social,

da Universidade de Danúbio (Áustria). Por meio dessa análise, Anderson, Curtis e Wittig [7] propõem a definição de inovação social focada na dimensão social em oposição a dimensão tecnológica; com elementos distintivos que uma inovação tem de cumprir a fim de ser considerado social ou de qualificar-se para a definição de inovação social; focada sobre problemas sociais imperiosos; e valores sociais igualmente convincentes. A urgência da resolução destes problemas sociais imperiosos exige soluções novas e decisivas (inovações), que têm tanto a intenção e o efeito de igualdade, justiça e empoderamento. Diante disso, eles definem inovação social como: "novas soluções para os desafios sociais que têm a intenção e o efeito da igualdade, da justiça e empoderamento" [7]. A definição proposta por eles sugere que para uma atividade se qualificar como uma inovação social deve atender a quatro critérios: (1) ela precisa ser nova; (2) ela deve abordar um desafio social; (3) a intenção deve ser a criação de igualdade, justiça e empoderamento; e (4) o efeito ou resultado final deve ser a igualdade, a justiça e empoderamento.

Conhecimento e Inovação Social

É reconhecido que o conhecimento é gerador de valor para organizações modernas e insumo indispensável para a inovação [16-17-18].

Quando se trata da inovação social, o conhecimento advindo da interação e colaboração entre os atores – ingrediente este importante no processo e prática de inovação social [19-20-21-22] – torna-se a chave para a criação de novos conhecimentos, assim como estimula o reconhecimento e valorização do conhecimento do outro [23], fortalecendo o compartilhamento do conhecimento. Portanto, a criação e compartilhamento do conhecimento são fatores primários no processo de inovação social [18]. Para Tomaél [17]:

conhecimento é uma prática social que agrega sentido a outras práticas, transformando-as. Constrói o indivíduo social e o corporativo, adequando-os às práticas do mundo vivido e das relações sociais historicamente determinadas. [17]

¹ Na perspectiva da **teoria institucional** a inovação social é vista como resultado das trocas e aplicação de conhecimentos e recursos por agentes mobilizados por meio de atividades de legitimação. [13,14]

² Na perspectiva da **teoria da estruturação** a inovação social é criada como uma força transformadora através da inter-relação entre os agentes, estruturas institucionais e sistemas sociais. [15]

Neste sentido, Sousa e Valadão Júnior [10] dizem que: se nós percebemos os padrões envolvendo os relacionamentos humanos, as estruturas e possibilidades, então se terá uma nova visão das interações sociais; e os sistemas sociais terão de ser concebido e planejado de forma contínua. Isso implica que cada vez mais serão utilizados os conhecimentos socialmente produzidos, ou seja, aquele conhecimento que ocorre a partir de uma espiral – socialização, externalização, combinação e internalização do conhecimento [24] – com base no compromisso pessoal e várias conversões entre conhecimento explícito e tácito.

Neste ponto, Ancori, Bureth e Cohendet [25] vão além da compreensão de conhecimento explícito e tácito em nível do indivíduo e sugerem uma relação dinâmica entre o conhecimento explícito e tácito, e suas expressões individuais e coletivas.

Individual	
Explícito	Tácito
O conhecimento explícito, de caráter individual, é objetivo, adquirível e codificado. Permite usar métodos racionais para a comunicação e transferência de conhecimento.	O conhecimento tácito, de caráter individual, está estruturado no que pode ser chamado de competências. Pode-se dizer que operam somente quando são requeridos em um processo de produção, comunicação e transferência de conhecimento.
Coletivo	
Explícito	Tácito
O conhecimento explícito, de natureza coletiva, orienta as práticas sociais e organizacionais (leis, regras, etc.). Tais práticas são codificadas e sua comunicação e transferência são acessíveis a todos em uma comunidade: código explícito.	O conhecimento tácito, de caráter coletivo, não se encontra de maneira objetiva e se expressa em regras tácitas de funcionamento (por exemplo, a confiança), regras de conduta, etc. Se trata, por assim dizer, de práticas silenciosas que geram processos singulares de comunicação e transferência.

Tabela 1: relações entre conhecimento tácito e explícito e suas expressões individuais e coletivas

Fonte: elaborado pelos autores com base em Ancori, Bureth e Cohendet [25].

O conhecimento e aprendizado coletivo assume um papel importante no processo de inovação social, pois enfatiza a natureza social e interativa da criação, codificação, comunicação e compartilhamento do conhecimento [26].

Contudo, tem-se o entendimento de que o fluxo do conhecimento na inovação social deve ser direcionado ao coletivo, ao social, não configurando necessariamente, apenas proposição de coletivo para coletivo.

Teoria da Ação Comunicativa de Habermas: Uma Contribuição a Inovação Social

O filósofo Alemão Jürgen Habermas desenvolve a teoria da ação comunicativa onde preleciona:

Devemos abandonar o paradigma da consciência a que estes autores encontram-se presos, em prol de um paradigma da comunicação. O paradigma da consciência é calcada na ideia de um pensador solitário que busca entender o mundo a sua volta, descobrindo as leis gerais que o governam, revelando a unidade encoberta sob a diversidade aparente. Neste modelo há uma relação de subordinação do objeto frente ao sujeito. Para Habermas, este paradigma não se sustenta mais. [27]

Habermas visa propor um novo paradigma que trate a racionalidade científica para além do modelo fenomenológico. Sobre o paradigma habermesiano, Fiedler [28] entende que há duas dimensões da sociedade que se interpelam, a saber: o Mundo da Vida, onde o processo comunicativo se dá, onde relações intersubjetivas se organizam intuitivamente, onde ocorrem as problematizações e discussões práticas que podem ou não levar às discussões de valores morais; e o Mundo do Sistema, que se caracteriza pela organização estratégica econômica e política, onde impera a não linguagem, a não discussão, ou seja, é a macroestrutura na qual se organizam as formas de produção do capitalismo mecânico e instrumental que comanda, mais ou menos, o mundo simbólico da vida e todas as diferenças sociais que dele provem.

O conceito de ação representado por aquilo que Habermas chama “ações comunicativas”, são ações direcionadas para a realização da compreensão mútua entre os indivíduos que interagem a fim de coordenar suas ações baseado em uma interpretação coletiva do contexto social. Do ponto de vista institucional, o que nos permite conceber ações em processos de inovação social como “ações comunicativas” é a sua legitimidade. É a legitimidade que vai dar validade às ações que mudam os sistemas sociais e criam novas e legitimadas práticas sociais. Portanto, a inovação social propõe novas práticas sociais por meio de ações legitimadas e propositais [9].

Neste sentido, compreende-se que a teoria de Habermas recepciona, de forma intuitiva, o conceito de inovação social, na medida em que propõe articulação entre o mundo da vida (operacional e concreto) e o mundo do sistema (simbólico e organizacional), sugerindo que estes mundos interajam em uma racionalidade ética de alteridade como um imperativo categórico do fazer-se humano.

O agir comunicativo é concebido por Habermas de modo a abrir as oportunidades para um entendimento em sentido abrangente e não restritivo [29]. Portanto, além de ser normativo, este agir é também teleológico (orientado para uma finalidade), pois se refere a grupos que orientam suas ações em valores comuns, dos quais se pode incluir também ações de promoção do ser humano traduzidas em inovações sociais.

A Visão Sistêmica para a Inovação Social

Nas últimas duas décadas o conceito de inovação social apareceu em estudos de gestão de diferentes campos, como empreendedorismo social, movimentos sociais e economia social. Contudo, essa literatura se mantém fragmentada, desconectada e dispersa entre os diversos campos [1,9]. É necessária uma visão holística do fenômeno da inovação social, pois a visão fragmentada dos componentes nos priva de análise empírica da complexidade do fenômeno [9].

Para Capra [30], a vida, ambiente de autoprodução social e complexo, caracteriza-se

pelo desenvolvimento de conexões em forma de redes. Entender o que está envolvido nela obriga-nos a “pensar de forma holística” [10].

A complexidade também é destacada por Cunha e Benneworth [6] que argumentam que a inovação social evolui por um processo não linear que tem uma complexidade inerente, concordando com Bignetti [8] sobre a dependência de interações entre diferentes componentes sociais. Ela pode ainda ser uma das barreiras [31] tanto para a conceitualização da inovação social, como para o próprio sistema ao restringir ou desincentivar as atividades.

Nesse sentido, a visão sistêmica contribui para lidar com a complexidade existente, bem como para reunir e integrar o conhecimento disperso na ciência. Alves [32] afirma que o conhecimento individual é incompleto, dinâmico, aberto e em construção e por isso pode sofrer mudanças (pequenas, grandes, radicais) durante a existência. Assim, a observação de um ser humano resulta em um panorama de mundo que nada mais é do que uma construção mental do mundo real, a qual é indireta, parcial e personalizada. Essa individualidade da visão de mundo decorre da trajetória de vida do próprio indivíduo, por isso nunca existirão duas iguais.

Em relação a construção do conhecimento coletivo, temos que:

a inovação social adquire forma quando uma nova ideia estabelece um diferente caminho de pensamento e ação que muda os paradigmas existentes. [9]

Para Alves [32] um paradigma é construído pelo conjunto de similaridades entre as visões de mundo individuais e, portanto, recebem influência das constantes interações entre os *stakeholders* envolvidos com suas necessidades, expectativas e aspirações [6].

Também não se pode deixar de considerar nesse contexto, o caráter sustentável da inovação social geralmente definida como aquela capaz de satisfazer suas necessidades e aspirações sem reduzir as probabilidades afins para as próximas gerações [33]. Nesse sentido, não há de se falar em uma inovação social sem esta estar vinculada à sustentabilidade.

O dinamismo social pode vir a ser um contraponto na efetividade de uma inovação social, o que não a descaracteriza, pois o próprio dinamismo fará emergir novas inovações sociais, porém sem abandonar o conceito de sustentabilidade.

PROPOSIÇÃO DE UMA DEFINIÇÃO DE INOVAÇÃO SOCIAL

Diante da análise das principais definições de inovação social e tendo em vista o conhecimento, a ação comunicativa e a visão sistêmica, são nossos pressupostos para a proposição de uma definição de inovação social:

- Conhecimento, coletivo e socialmente produzido, como insumo primário na geração de inovações sociais [10-18-26].
- Inovação social na perspectiva orientada a processos e como um processo de acumulação e criação de novos conhecimentos de natureza coletiva [18,26].
- O processo deve ser intencional, sistemático, planejado e coordenado de modo a obter ações legitimadas [9] e fomentar mudanças sistêmicas [3].
- A colaboração e compartilhamento do conhecimento entre diversos atores como ingrediente indispensável na geração de inovações sociais [3-8-9-10-18-19-20-21-22-23].
- Obter como resultado a mudança social de forma sustentável e benéfica [7] a um coletivo e não somente a um indivíduo.

Assim, o conceito aqui proposto é: a inovação social é a criação de novos conhecimentos, ou da combinação de conhecimentos, por meio de um processo intencional, sistemático, planejado e coordenado, derivado da colaboração e do compartilhamento de conhecimento entre os diversos agentes, que visa de forma sustentável a mudança social benéfica a um coletivo.

Para Anderson, Curtis e Wittig [7], a intenção:

permite a construção de uma visão compartilhada, crucial para a formação de coalizões e redes, de modo a ganhar o impulso necessário para trazer uma inovação social à vida. [7]

A sistematização, o planejamento e a coordenação alavancam o processo de inovação social. Neste sentido a gestão do conhecimento pode contribuir neste processo [18].

Quanto a colaboração, é válido salientar que a gênese de uma inovação social pode ocorrer sem a sua presença, como por exemplo, em uma situação extrema de necessidade onde o indivíduo age apenas pelo instinto de sobrevivência (fome, frio, medo), mas no momento em que a necessidade básica é suprida, a inovação poderá vir a ser compartilhada e aprimorada em seu grupo social que é onde se dará a colaboração. Portanto, a inserção do termo colaboração na definição teleológica aqui proposta é pertinente.

O entendimento sobre a mudança social é que ela se dá quando se alteram as estruturas básicas que compõem um grupo social ou uma sociedade. Segundo Rocher [34] as transformações observáveis e verificáveis em períodos de tempo mais curto são consideradas mudança social. Existem quatro características sobre a mudança social [34]: trata-se de um fenômeno coletivo; deve ser uma mudança da estrutura; supõe a possibilidade da sua identificação no tempo; toda a mudança social tem de dar provas de uma certa permanência; as transformações observadas não devem ser efêmeras ou superficiais.

Com relação ao posicionamento de a inovação ser boa há um coletivo, corrobora-se com Anderson, Curtis e Wittig [7], que o impacto da inovação social deve ser bom para sociedade mediante a pelo menos três critérios básicos: justiça, empoderamento e igualdade.

Do mesmo modo, se está de acordo com Anderson, Curtis e Wittig [7] na questão dos diversos agentes. Isto significa que não se exclui qualquer setor, pessoa, organização, da oportunidade de criar uma inovação social, desde que o grupo ou indivíduo crie a inovação social visando a mudança social benéfica a um coletivo.

Salienta-se, por fim, que a definição proposta contribui na identificação de ferramentas e indicadores para a análise e avaliação de projetos de inovações sociais, uma vez que a medição dos

critérios de igualdade, justiça e empoderamento já existem [7].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo propõe uma definição rica em detalhes com o objetivo de possibilitar a identificação mais precisa de propostas de inovação social, ou seja, ações teleológicas. Para tanto, optamos pela escolha de uma definição forte por ser mais adequada para essa finalidade. Entende-se por definição forte uma descrição mais restritiva do fenômeno, enquanto uma definição fraca possibilita um maior número de elementos presentes. Portanto, devido ao foco desta pesquisa não abordou-se na definição, por exemplo, as inovações sociais advindas de fenômenos de emergência. Diante disso, identificamos para trabalhos futuros a possibilidade de estruturação de um conjunto de definições, onde haveria uma definição fraca, delimitando o macroconjunto das inovações sociais e definições fortes, delimitando o escopo dessas com base em algumas perspectivas (ex. emergente e teleológico).

Referências

- [1] Edwards-Schachter, M. E., Matti, C. E., and Alcántara, E., 2012, "Fostering Quality of Life through Social Innovation: A Living Lab Methodology Study Case," *Review of Policy Research*, 29(6), pp. 672–692.
- [2] Mulgan, G., "The Process of Social Innovation," 2006, *Innovations: Technology, Governance, Globalization*, 1(2), pp. 145–162.
- [3] Murray, R., Caulier-Grice, J., and Mulgan, G., 2010, *The Open Book of Social Innovation*, The Young Foundation/National Endowment for Science, Technology and the Art - NESTA.
- [4] Howaldt, J., and Schwarz, M., 2010, *Social Innovation: Concepts, research fields and international trends*, IMA/ZLW.
- [5] Sanzo, M. J. et al., 2015, "Business-nonprofit partnerships: a new form of collaboration in a corporate responsibility and social innovation context," *Service Business*, pp. 1–26.
- [6] Cunha, J., and Benneworth, P., 2013, "Universities' contributions to social innovation: towards a theoretical framework," University of Twente, School of Management and Governance - IGS, pp. 1–31.
- [7] Anderson, T., Curtis, A., and Wittig, C., 2015, "Definition and Theory in Social Innovation.. The theory of social innovation and international approaches" in: *ZSI Discussion Paper*, Nr. 33. Vienna. ISSN 1818 – 4162.
- [8] Bignetti, L. P., 2011, "As inovações sociais: uma incursão por ideias, tendências e focos de pesquisa," *Ciências Sociais Unisinos*, 47(1), pp. 3–14.
- [9] Cajaiba-Santana, G., 2014, "Social innovation: Moving the field forward. A conceptual framework," *Technological Forecasting and Social Change*, 82, pp. 42–51.
- [10] Sousa, E. G., and Valadão Júnior, V. M., 2013, "Social enterprises in Brazil: Socially produced knowledge versus social innovation," *Journal of Technology Management and Innovation*, 8(SPL.ISS.2), pp. 166–176.
- [11] Souza, A. C., Fialho, F., and Otani, N., 2007, *TCC: métodos e técnicas*. Florianópolis: Visual Books, pp. 160.
- [12] Horta, D. M. O., 2013, "As Especificidades do Processo de Difusão de uma Inovação: da propagação inicial à ressignificação," Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo - RS.
- [13] Hämäläinen, T. J., 2007, Social innovation, structural adjustment and economic performance, in: Hämäläinen, T. J.; Heiskala, R. (Eds.), *Social Innovations, Institutional Change, and Economic Performance*, Edward Elgar Publishing, pp. 52–57.
- [14] Lee, L., 1959, "Institutions and ideas in social change," *American Journal of Economics and Sociology*, pp. 127–138.
- [15] Hargrave, T. J., and Van de Ven, A. H., 2006, "A collective action model of institutional innovation," *Academy of Management Review*, 31(4), pp. 864–888.
- [16] OECD. Organisation For Economic Co-Operation And Development. *Manual de Oslo – proposta de diretrizes para coleta e interpretação de dados sobre inovação tecnológica*, 1997. Traduzido pela FINEP, 2005. Disponível em: <http://www.finep.gov.br/imprensa/sala_imprensa/manual_de_oslo.pdf>. Acesso em: 03 de maio de 2015.

[17] Tomaél, M. I., 2005, "Redes de conhecimento: o compartilhamento da informação e do conhecimento em consórcio de exportação do setor moveleiro," Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG.

[18] Mulyaningsih, H. D., Yudoko, G., and Rudito, B., 2014, "Initial conceptual model of knowledge-based social innovation," *World Applied Sciences Journal*, 30(30), pp. 256–262.

[19] Goldenberg, M., 2004, *Social Innovation in Canada: How the Non-profit Sector Serves Canadians... and how it Can Serve Them Better*, Canadian Policy Research Networks, CPRN=RCRPP.

[20] Nicholls, A. (Ed.), 2006, "Social entrepreneurship: New models of sustainable social change," Oxford University Press..

[21] Davey, T. L., and Ivery, J. M., 2009, "Using organizational collaboration and community partnerships to transition families from homelessness to home ownership: The homebuy5 program," *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 37(2), pp. 155–165.

[22] Shier, M. L., and Handy, F., 2015, "Social Change Efforts of Direct Service Nonprofits: The Role of Funding and Collaborations in Shaping Social Innovations," *Human Service Organizations: Management, Leadership & Governance*, n. just-accepted.

[23] Farfus, D., and Rocha, M. C. de S., 2007, *Inovação Social: um conceito em construção*, in: *Inovações Sociais, Coleção Inova, II*, Curitiba: SESI/SENAI/IEL/UNINDUS, pp. 13–34.

[24] Nonaka, I., and Takeuchi, H., 1997, *Criação de conhecimento na empresa*, Rio de Janeiro: Elsevier, 13^o Reimpressão.

[25] Ancori, B., Bureth, A., and Cohendet, P., 2000, "The economics of knowledge: the debate about codification and tacit knowledge," *Industrial and corporate change*, 9(2), pp. 255–287.

[26] Satrústegui, A. U., 2014, "Comunicación y Transferencia en las Innovaciones Sociales. Codificación y Comunidades de Conocimiento," *Historia y Comunicación Social*, 19, pp. 763–776.

[27] Pinto, J. M. R., 1995, "A teoria da ação comunicativa de Jürgen Habermas: conceitos básicos e possibilidades de aplicação à

administração escolar," *Paidéia* (Ribeirão Preto), (8-9), pp. 77–96.

[28] Fiedler, R. C. P., 2006, "A teoria da ação comunicativa de Habermas e uma nova proposta de desenvolvimento e emancipação do humano," *Revista Educação-UnG*, 1(1).

[29] Walter, R-S., 2010, *Compreender Habermas*. 3^a ed. Petrópolis – RJ: Vozes.

[30] Capra, F., 1995, *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix.

[31] Chalmers, D., 2012, "Social innovation: An exploration of the barriers faced by innovating organizations in the social economy," *Local Economy*, 28(1), pp. 17–34, doi:10.1177/0269094212463677.

[32] Alves, J. B. M., 2012, *Teoria Geral de Sistemas – Em busca da interdisciplinaridade*. Florianópolis: Instituto Stela, pp. 179.

[33] Capra, F., and Luisi, P. L., 2014, *Visão Sistêmica da Vida: Uma concepção unificada e suas implicações filosóficas, políticas, sociais e econômicas*, São Paulo: Cultrix.

[34] Rocher, G., 1989, *Sociologia Geral: a organização social*, Lisboa: Editorial Presença.

ANEXO A

DEFINIÇÕES DE INOVAÇÃO SOCIAL

Autor	Ano	Conceito
Programa LEED da OCDE		[Inovação Social é] aquela que diz respeito a: mudança conceitual, de processo ou produto; mudança organizacional; mudanças no financiamento; e pode lidar novas relações com partes interessadas e territórios. "Inovação social" procura novas respostas para os problemas sociais por: identificar e entregar novos serviços que melhoram a qualidade de vida dos indivíduos e das comunidades; identificar e implementar novos processos de integração no mercado de trabalho, novas competências, novos empregos e novas formas de participação como elementos diversos em que cada um contribuem para melhorar a posição dos indivíduos na força de trabalho.
Centre for Social Innovation (CSI)		novas ideias que resolvem desafios existentes sociais, culturais, econômicos e ambientais para o benefício das pessoas e do planeta. A verdadeira inovação social é uma mudança de sistema - ela altera permanentemente as percepções, comportamentos e estruturas que anteriormente deram origem a esses desafios.
Fairweather	1967	Inovação social significa gerar soluções alternativas para os problemas sociais com um mínimo de perturbação da ordem (apud HORTA, 2013, p. 25).
Taylor	1970	Formas aperfeiçoadas de ação, novas formas de fazer as coisas, novas invenções sociais (apud HORTA, 2013, p. 25; BIGNETTI, 2011, p. 6).
Chambon, David e Devevey	1982	Práticas que permitem, de forma direta ou indireta, indivíduos ou grupos assumir uma necessidade social ou um conjunto de necessidades sociais, que não estão satisfeito (p. 8).
Crozier e Friedberg	1993	Um processo de criação coletiva na qual os seus membros aprendem, inventam e colocam em prática as novas regras do jogo de colaboração e de conflitos sociais, em outras palavras, uma nova prática social, em que neste processo, eles aprendem habilidades cognitivas, racionais e organizacionais necessárias (p. 19).
Dagnino e Gomes	2000	Conhecimento – intangível ou incorporado a pessoas ou equipamentos, tácito ou codificado – que tem por objetivo o aumento da efetividade dos processos, serviços e produtos relacionados à satisfação das necessidades sociais (apud DAGNINO; BRANDÃO; NOVAES, 2004, p. 21).
FINEP	2000	Criação de tecnologias, processos e metodologias originais que possam vir a se constituir em propostas de novos modelos e paradigmas para o enfrentamento de problemas sociais, combate à pobreza e promoção da cidadania (p. 1).
Mumford	2002	A geração e a implementação de novas ideias sobre como as pessoas devem organizar atividades interpessoais, ou interações sociais, para atender a uma ou mais metas em comum (apud HORTA, 2013, p. 25).
Cloutier	2003	Uma resposta nova, definida na ação e com efeito duradouro, para uma situação social considerada insatisfatória, que busca o bem-estar dos indivíduos e/ou comunidades (apud HORTA, 2013, p. 25; BIGNETTI, 2011, p. 6).

<i>Stanford Social Innovation Review</i>	2003	O processo de inventar, garantir apoio e implantar novas soluções para problemas e necessidades sociais (apud HORTA, 2013, p. 25; BIGNETTI, 2011, p. 6).
Goldenberg	2004	É o desenvolvimento e aplicação de novas ou melhoradas atividades, iniciativas, serviços, processos, ou produtos concebidos para atender desafios sociais e econômicos, enfrentados por indivíduos ou comunidades (p. iv).
Neamtan e Downing	2005	Refere-se a uma nova forma de relações sociais, incluindo inovações organizacionais e institucionais, novas formas de produção e consumo, e novas relações entre desenvolvimento econômico e social (p. 12).
Andre e Abreu	2006	Uma resposta nova e socialmente reconhecida que visa e gera mudança social, ligando simultaneamente três atributos: (i) satisfação de necessidades humanas não satisfeitas por via do mercado; (ii) promoção da inclusão social; e (iii) capacitação de agentes ou atores sujeitos, potencial ou efetivamente, a processos de exclusão/marginalização social, desencadeando, por essa via, uma mudança, mais ou menos intensa, das relações de poder (p. 124).
Fares	2007	É um conjunto de processos, produtos e metodologias que possibilita a melhoria da qualidade de vida do outro e diminua as desigualdades. Ou seja, é a contribuição para a sustentabilidade da comunidade e do país (p. 9).
Heiskala	2007	As inovações sociais são as alterações nas estruturas culturais, normativas ou reguladoras da sociedade que aumentam seus recursos de poder coletivo e melhoram o seu desempenho econômico e social (p. 59).
Moulaert et al.	2007	Ferramenta para uma visão alternativa do desenvolvimento urbano, focada na satisfação de necessidades humanas (e empowerment) através da inovação nas relações no seio da vizinhança e da governança comunitária (apud HORTA, 2013, p. 25; BIGNETTI, 2011, p. 6).
Mulgan et al.	2007	Refere-se a novas ideias que trabalham para alcançar os objetivos sociais [...]. Atividades e serviços inovadores que são motivados pelo objetivo de atender a uma necessidade social e que são predominantemente desenvolvidas e difundidas através de organizações cujos objetivos principais são sociais (p. 8).
Phills, Deiglmeier e Miller.	2008	É uma nova solução, para um problema social, que é mais efetivo, eficiente, sustentável ou justo do que as soluções existentes e para a qual o valor criado atinge principalmente a sociedade como um todo e não indivíduos em particular (p. 39).
<i>Zentrum für Soziale Innovation</i>	2008	São conceitos e medidas para resolver desafios sociais que são aceitos e utilizados por grupos sociais afetados (p. 2).
Bacon et al.	2008	Nós usamos o termo "inovação social" para se referir a novas ideias (produtos, serviços e modelos) desenvolvidas para atender as necessidades sociais não satisfeitas (p. 13).
Adams e Hess	2008	como meios de ruptura de modelos convencionais de enfrentamento de necessidades sociais não atendida pela criação de novas e sustentáveis capacidades, ativos ou oportunidades para a mudança (p. 13).

Kinberlee et al	2009	Refere-se ao uso da imaginação ou da criatividade para a mudança social, em vez da mudança tecnológica (p. 1).
Pol e Ville	2009	Nova ideia que tem o potencial de melhorar a qualidade ou a quantidade da vida (p. 881).
Andrew e Klein	2010	A inovação social que envolve o desejo de fazer as coisas de forma diferente, a pensar em termos de transformações para as instituições e práticas sociais (p. 22). A inovação social requer aprendizagem e capacidade institucional para aprender. Regiões de aprendizagem e instituições de aprendizagem são, portanto, elementos críticos nos processos de inovação social (p. 23).
Cahill	2010	É uma iniciativa, produto, processo, ou programa que altera profundamente as rotinas básicas, recursos e fluxos de autoridade ou crenças de algum sistema social (exemplo, indivíduos, organizações, vizinhança, comunidades, sociedades inteiras) (p. 259).
Dawson e Daniel	2010	A inovação social pode ser amplamente descrita como o desenvolvimento de novos conceitos, estratégias e ferramentas que apoiam grupos na realização do objetivo de melhoria do bem-estar. Inovação social trata-se de como resolver os desafios sociais e cumprimento de metas sociais para melhorar o bem-estar social (p. 10).
Murray, Caulier-Grice e Mulgan	2010	Novas ideias (produtos, serviços e modelos) que simultaneamente satisfazem necessidades sociais e criam novas relações ou colaborações sociais. Em outras palavras, são inovações que, ao mesmo tempo, são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade de agir (p. 3).
Westley & Antadze	2010	Um complexo processo de introdução de novos produtos, processos ou programas que profundamente alteram as rotinas básicas, de recursos e de fluxos de autoridade, ou crenças do sistema social em que ocorre a inovação. Tais inovações sociais bem-sucedidas têm durabilidade e impacto amplo (p. 2).
Howaldt e Schwarz	2010	é uma nova combinação e/ou uma nova configuração de práticas sociais em determinadas áreas de ação ou contextos sociais provocadas por determinados atores ou constelações de atores de forma intencional direcionadas com o objetivo de melhor satisfazer ou atender necessidades e problemas com o que é possível com base em práticas estabelecidas (p. 21).
Bignetti	2011	O resultado do conhecimento aplicado a necessidades sociais através da participação e da cooperação de todos os atores envolvidos, gerando soluções novas e duradouras para grupos sociais, comunidades ou para a sociedade em geral (P. 4).
Neumeier	2012	como mudanças de atitudes, comportamentos ou percepções de um grupo de pessoas unidas em uma rede de interesses alinhados em relação ao horizonte do grupo de experiências conduzem a novas e melhores maneiras de ação colaborativa dentro do grupo e além dele (p. 55).
Caulier-Grice et al.	2012	inovações sociais são novas soluções (produtos, serviços, modelos, mercados, processos etc.) que atendem simultaneamente a uma necessidade social (de forma mais eficaz do que soluções existentes) e conduzem a capacidades e relacionamentos novas ou aperfeiçoadas e uma melhor utilização dos bens e recursos. Em outras palavras, as inovações sociais são boas para a sociedade e aumentam a capacidade da sociedade para agir (p. 18).

CRISES	2013	Uma intervenção iniciada por atores sociais para responder a uma inspiração, para prover uma necessidade, para beneficiar-se de uma oportunidade capaz de modificar as relações sociais, para transformar os padrões de comportamento estabelecidos ou para propor novas orientações (p. 1).
Horta	2013	Um processo colaborativo que visa a gerar soluções duradouras que atendam às necessidades sociais de grupos, de comunidades e da sociedade em geral (p. 28)
Cunha e Benneworth	2013	São sistemas de mudança através do desenvolvimento de novas soluções na fronteira abrangendo comunidades de aprendizagem para criar valor social e promover o desenvolvimento da comunidade, desafiando as instituições sociais existentes, através de ação colaborativa desenvolvendo redes mais amplas (p. 9).
Cajaiba-Santana	2014	As inovações sociais estão associadas com a intenção planejada, coordenada, objetivo orientado, e as ações legitimadas empreendidas pelos agentes sociais que visam a mudança social que vão surgir no estabelecimento de novas práticas sociais (p. 44).
Anderson, Curtis e Wittig	2014	novas soluções para os desafios sociais que têm a intenção e o efeito da igualdade, da justiça e empoderamento (p. 28)